

A SEMANA – 172

John Gledson

Esta cena do preto “alienado” lembra um pouco os últimos capítulos de *Quincas Borba*, em que Rubião anda à toa pelo centro da cidade, vítima das chacotas das crianças. De trágico torna-se satírico, porém, ao acompanhar a viagem imaginária do coitado (do preto, e também do cronista) pelo centro da cidade, em que “vê” um Rio de Janeiro rico, de ruas largas e bondes e estações confortáveis; o câmbio está em alta, mais até do que estava durante o império, há dinheiro nos cofres da municipalidade, etc. A polícia o leva da rua 1º de Março, ao longo da rua da Assembleia até o largo da Carioca, e de lá à secretaria da polícia, à rua do Lavradio. Solto, e imaginando-se grão-duque da Toscana, volta para o centro, através da praça Tiradentes e da rua do Ouvidor, à Câmara dos Deputados, que funcionava, desde os tempos do Primeiro Reinado, na Cadeia Velha, na rua 1º de Março, no local do atual Palácio Tiradentes. De lá, é uma caminhada mais comprida, de volta à praça da República, onde estava a Intendência (ou Câmara) Municipal, para a apoteose final.



A SEMANA

15 de setembro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Um dia destes, indo a passar pela guarda policial da rua Sete de Setembro, fronteira à antiga capela imperial,¹ dei com algumas pessoas paradas e um carro de polícia. De dentro da casa saía um preto, em camisa, pernas nuas, trazido por duas praças. Abriam a portinhola do carro e o preto entrou sem resistência, sentou-se e olhou placidamente para fora. Uma das praças recebeu o ofício de comunicação, e o carro partiu.

– Que crime cometeu este preto? perguntei a um oficial.

– É um alienado.

Grande foi o abalo que me deu esta simples resposta. Esperava um maníaco ou gatuno, que tivesse lutado e perdido as calças. Sempre era alguém. Mas um pobre homem doido, que daí a pouco estaria no hospício, era um desgraçado sem personalidade, um organismo sem consciência. E fiquei triste, fiquei arrependido de haver passado por ali, quando a cidade é assaz grande e todos os caminhos levam a Roma. Às vezes basta um sucesso desses para estragar o dia e eram apenas dez horas da manhã. Não podia andar sem ver um carro, duas pernas nuas, duas praças que as metiam no carro... Desviava os olhos, dobrava uma esquina, mas aí vinham as praças e as pernas. A visão perseguia-me.

De repente, bradou-me uma voz de dentro: “Mas, desgraçado, examinaste bem aquele preto? Sabes qual é a sua loucura?” A princípio não dei atenção a esta pergunta, que me pareceu tola, porquanto bastava que as ideias dele não fossem reais para serem a maior desgraça deste mundo; a curiosidade de saber o que efetivamente pensava o alienado, fez-me entrar no cérebro do infeliz. Qualquer outro acharia já nisto um princípio de alienação mental; mas a presunção que tenho de imaginar as coisas que andam na cabeça dos outros, e acertar com elas algumas vezes, deu-me ânimo para a tentativa.

¹ A antiga Capela Real e Imperial, no cruzamento entre as ruas Primeiro de Março e Sete de Setembro, desde 1892 era Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro; hoje voltou a ser a Igreja de Nossa Sra. do Carmo.

Lembrou-me que o preto, posto que sem calças, não era precisamente um *sans-culotte*.² Tinha um ar mesclado de sobranceira e melancolia. Não se opusera à entrada no carro, nem tentou sair, não falou, não resmungou. Os olhos que deitou para fora eram, como acima disse, plácidos. Suponhamos que ele acreditava ser o grão-duque da Toscana. Tanto melhor se já não há os ducados; era a maior prova da força imaginativa do homem.³

Assim, em vez de ser levado em carro de polícia, ia metido no esplêndido coche ducal, tirado por duas parelhas de cavalos negros. A rua da Assembleia, por onde subiu, apareceu-lhe larga e limpa, com vastas calçadas, e muitas senhoras nas janelas dando vivas a Ernesto XXIV; era provavelmente o nome deste grão-duque póstumo. No largo da Carioca fizeram-lhe parar o coche, diante da bela estação da Companhia⁴ de Carris do Jardim Botânico. Uma porção de senhoras, abrigadas da chuva, à espera dos bondes, saudaram respeitosamente a Sua Alteza. Sem sair do coche, Ernesto XXIV admirou o edifício, não só pelo estilo arquitetônico, como pelo conforto interior.

Chegado à rua do Lavradio, apeou-se à porta da secretaria da polícia.⁵ Tapetes, em vez de pontas de cigarros, receberam os pés do grão-duque, conduzido para o salão dos embaixadores, enquanto redigiam uma alocução. Cansado de esperar, ordenou que lhe levassem a alocução onde o achassem, e saiu a pé. Na praça Tiradentes viu a própria estátua na de Pedro I, e admirou a semelhança da cabeça, não menos que o brio do gesto. Depois de fazer a volta do gradil, foi convidado por uma comissão a entrar e repousar na estação dos bondes de Vila Isabel;⁶ aceitou e não gostou menos deste edifício que do do largo da Carioca. Achou até que os bancos de palhinha da⁷ Vila Isabel eram preferíveis aos bancos da companhia Jardim Botânico, estofados e forrados de couro de Córdoba. Ao sair, deixou paga a passagem de mil pessoas indigentes.

Já então muito povo o acompanhava. Descendo a rua do Ouvidor, não deixou de notar que era excessivamente larga.

² Na *Gazeta* está “*sans culotte*”, sem hífen. Aurélio tem *sans-culotte*, que é a forma correta. *Sans-culottes* eram os homens do povo que participaram na Revolução Francesa, chamados assim, depreciativamente, pelos nobres, que usavam calções até os joelhos (*culottes*), por causa das calças compridas que vestiam. Machado interpreta, como comumente acontece, como significando “sem calças” ou “nus da cintura para baixo”.

³ O grão-ducado da Toscana foi extinto em 1860. Nunca houve um grão-duque Ernesto, muito menos 24 deles.

⁴ Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “companhia”, talvez para regularizar com “companhia Jardim Botânico” mais abaixo. Mas o título mais “formal” reforça a ironia, no contexto da parada suja e aberta à chuva que sem dúvida era a realidade.

⁵ A chefatura da polícia estava na rua do Lavradio, esquina da rua do Senado, perto da praça Tiradentes.

⁶ Eram estes bondes que levavam a população para o Jardim Zoológico e o jogo dos bichos: eram notoriamente atulhados e sujos.

⁷ Assim na *Gazeta* (ou seja “da [linha de] Vila Isabel”); Aurélio tem “de”.

– Uma rua destas, disse Ernesto XXIV, não pode exceder de duzentos metros de largura.⁸ Também não pode ter uns cinco ou seis metros, como se fosse um beco dos Barbeiros ilustrado.⁹ Não é que os becos estejam fora da civilização; ao contrário, toda civilização começa, moralmente, por um beco. Mas os becos, estreitos em demasia, servem antes ao mexerico, ao boato, à crítica mofina, etc. Com um piscar de olhos de uma calçada à outra indica-se uma senhora ou um cavalheiro que passa, e a facilidade do gesto convida à murmuração. Há mais a desvantagem de se atopetar depressa e com pouco. Não se dirá isto da rua do Ouvidor; mas assim tão larga, que mal se distinguem as pessoas de um para outro lado, traz perigo diverso e perde talvez na beleza...

Falando e andando, ordenou que o conduzissem à câmara dos deputados. A multidão o levou até lá, entre aclamações. A mesa, logo que soube da presença do grão-duque, mandou recebê-lo, e daí a pouco sentava-se Sua Alteza na tribuna do corpo diplomático. De pé, a câmara inteira saudou com vivas o ilustre hóspede, e, a um gesto deste, continuou a discussão de um projeto relativo ao câmbio.¹⁰ “Desta tribuna, senhores...” continuou o orador; e Ernesto XXIV, guiando o binóculo que lhe dera um camarista, viu efetivamente o orador no alto da tribuna. A lei que se discutia, proposta pelo dito orador, tinha por objeto fazer baixar o câmbio, cuja alça afigurava-se a alguns antes um mal que um bem. E o orador citava anedotas pessoais:

– Tudo que se vendia por alto preço, há dois meses, longe de ficar nele, como presumiam ignorantes, vai baixando de um modo, não direi vertiginoso, mas rápido. Ontem deixei de comprar um chapéu alto por 5\$000; perguntando ao chapeleiro que razão tinha para pedir tão¹¹ vil preço por um objeto importado e quando o câmbio estava abaixo do par, explicou-me que a elevação do câmbio a 34 permitia-lhe comprar barato os objetos do seu uso, e não seria justo nem econômico exigir agora por um chapéu mais do que lhe custavam as calças e as gravatas. (*Apoiados e não apoiados*).¹² UMA VOZ. – E por que não comprou V. Ex. o chapéu? – Respondo ao nobre deputado que por um motivo superior ao meu próprio entendimento. (*Nenhum rumor*). Sinto, receio, assombra-me a possibilidade de ver tudo a decrescer tanto no preço, que se dê nova crise econômica, ainda não vista nem prevista.

Indo a entrar em votação o projeto, Ernesto XXIV deixou a câmara e procurou a intendência municipal. Achou o edifício sólido e asseado. Os empregados estavam

⁸ Falava-se muito neste momento do “recuo” das fachadas das casas do centro velho do Rio, no processo de modernização da cidade que levaria ao “bota-abaxio” (ver também crônica de 28 de abril de 1895 [152], nota 1). A rua do Ouvidor, estreita como era, era o lugar por excelência dos boatos e dos flertes. Ver, por exemplo, o conto “Capítulo dos chapéus”.

⁹ O beco dos Barbeiros é uma passagem estreita entre a rua do Carmo e a Primeiro de Março.

¹⁰ O câmbio estava ainda estagnado em baixa, ao redor dos 10 $\frac{3}{4}$ pence por mil-réis. Nem no império chegou perto dos 34 – o “normal” era 27 pence.

¹¹ Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “tal”.

¹² Na *Gazeta*, não se fecha o parêntese. Aurélio corrige.

alegres com o pagamento adiantado que lhes fizeram dos vencimentos de três meses.¹³ Estranhando este costume, ouviu do prefeito que ele se perdia na noite dos tempos e explicava-se pelo excesso de dinheiro que havia nas arcas da prefeitura. Pagas todas as dívidas do município, calçadas e reformadas as ruas, desentulhada a praia da Glória de um princípio de ponte que ali ficou, e a enseada de Botafogo de um esboço de muro com que se queria alargar a praia,¹⁴ seria desastroso suspender tão velho uso de fazer adiantamentos aos empregados em proveito de quê? Em proveito do bolor, que é o que dá no dinheiro parado.

– Sim, confesso que...

Não pôde acabar. Cerca de cem mil pessoas vieram aclamar o gentil grão-duque da Toscana, que honrava assim as nossas plagas. Ernesto XXIV ouviu e proferiu discursos, recebeu uma taça de ouro, com dizeres de brilhantes, cinco moças bonitas entre dezessete e vinte anos, para seus amores, sapatos envernizados, anéis, uma comenda...

Quando acabei essas e outras imaginações, perguntei a mim mesmo se o alienado da rua Sete de Setembro era tão infeliz como supusera. Que é para ele uma esteira, um cubículo e um guarda? coxins, um palácio e moças bonitas. Talvez o que presume serem moças, palácio e coxins não passe de um guarda, uma esteira e um cubículo.



¹³ Os empregados do município não eram pagos por muito tempo. Esporadicamente, apareciam protestos nos jornais.

¹⁴ Já mencionada mais de uma vez n'“A Semana” (p. ex. crônica de 11 de dezembro de 1892 [34]), esta “ponte” fizera parte de um plano malsucedido de aterrar uma parte da baía, produto dos desvarios do Encilhamento. Não sei a qual muro Machado se refere na praia de Botafogo: foi por esta época que começaram as obras que facilitariam a passagem para a Urca.